

CONTOS (NADA) DE FADAS

EJA-MANGUINHOS



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Sumário

Branca e a madastra..... 5

Hérica Viana de Oliveira, Joana Darc Fernandes Lima

Os três meninos da favela..... 7

Evandro Raimundo, Cláudio Lopes de Souza

Cinderela na favela..... .. 9

Cleodete de Freitas Bastos, Maura Félix de Oliveira, Maria Nunes de Lima

Alice no país sem maravilhas.....10

Jaqueline Santos Costa, Thaís Rodrigues dos Santos Alves

Alice no país real..... 11

Márcia Maria Andrade da Silva, Aline da Costa Laranja

Pocahontas na crackolândia.....12

Susane Pedrosa da Silva, Ivani Coelho de Souza, Stalem Mateus Azevedo

A história de João e Maria.....13

Sueli Oliveira, Eliete Nascimento, Heloiza Angela Alvarenga

Em busca de liberdade.....14

Ana Amorim, Fernanda Pinho

Branca e a madrastra

Hérica Viana de Oliveira e Joana Darc Fernandes Lima

Há muito tempo, na comunidade de Manguinhos, viviam um pai, uma mãe e sua filhinha, a princesa Branca. Sua pele era branca como a neve, os lábios vermelhos como o sangue e os cabelos pretos como o ébano. Um dia, a mãe ficou muito doente e morreu. O pai, sentindo-se sozinho, casou-se novamente.

O que ninguém sabia é que a madrastra era uma bandida muito perigosa. Ela possuía poder no tráfico em Manguinhos. Na favela, não existia ninguém mais bela e poderosa do que ela.

Branca crescia e ficava cada vez mais bonita, encantadora e meiga. Todos gostavam muito dela. Exceto a madrastra. Tinha medo que a menina a denunciasse.

Depois que o pai morreu, a madrastra obrigava Branca a fazer todos os serviços da casa, enquanto ela chefiava o tráfico. A menina não reclamava, pois era muito meiga e educada.

Um dia, como de costume, a madrastra, enciumada com a beleza de sua enteada perguntou a si mesma, olhando para um espelho, se existia alguém no mundo mais bela do que ela. Um de seus comparsas ouviu e disse: “Sim, minha poderosa. Infelizmente, Branca é mais bela.”

A chefona ficou furiosa, pois queria ser a mais bela da comunidade. Imediatamente mandou chamar seu melhor comparsa e ordenou que ele matasse a enteada e sumisse com seu corpo.

No dia seguinte, ele chamou a menina para uma conversa e a alertou, pois não teve coragem de matá-la. “Branca”, disse ele, “a sua madrastra ordenou que eu a matasse, mas não posso fazer isso. Eu a vi crescer e sempre fui leal a seu pai”.

– Minha madrastra?!? Mas por quê? – Perguntou Branca.

– Infelizmente, não sei. Mas não vou obedecer sua madrastra desta vez. Fuja, Branca, e não volte para a comunidade, porque, se ela a vir, vai matá-la.

Branca então fugiu, muito assustada, chorando e sem ter para onde ir.

O comparsa matou uma jovem que vacilou na comunidade, colocou seu coração numa caixa e levou para a chefe, que ficou bastante satisfeita, achando que a enteada estava morta, tornando-se ela novamente a mais bela.

Anoitecia e Branca ainda vagava pelas ruas. Até que encontrou um abrigo feito de tábuas. O local encontrado estava muito desarrumado e sujo. Mas Branca, acostumada com as tarefas pesadas da casa, conseguiu organizar e limpar tudo. Ficou tão cansada que pegou no sono.

Ela não sabia que, neste abrigo, viviam sete crianças que, ao voltarem para o local, se assustaram ao ver tudo arrumado e limpo. As crianças ficaram espantadas ao ver que lá estava uma linda menina dormindo em uma das camas.

Com o barulho, Branca acordou. Então, contou sua história para as crianças, que logo se afeiçoaram a ela e a convidaram para morar com eles.

O tempo passou... Um dia, a madrastra foi consultar uma mãe de santo e descobriu que a enteada continuava viva. Ficou furiosa, comprou remédio para rato e colocou dentro de uma maçã. Desta vez, para não ter erro, ela mesma se disfarçou como uma velhinha e foi atrás da menina. “Uma mordida nesta maçã e Branca irá dormir para sempre” – Pensou a madrastra.

No dia seguinte, as crianças saíram para vender bala, e Branca ficou sozinha. Pouco depois, a madrasta disfarçada chegou perto do abrigo e fingiu estar doente. A menina, sempre muito boa, ofereceu-lhe um copo d'água e perguntou se ela queria entrar e descansar um pouco.

– Muito obrigada. – Falou a madrasta. – Coma esta maçã. Faço questão de retribuir sua gentileza.

Branca, no mesmo instante que mordeu a maçã, caiu desmaiada. A chefe do tráfico saiu correndo para tentar fugir, antes que as crianças retornassem. Mas, neste momento, estava tendo operação policial na comunidade. Na fuga, ela acabou sendo baleada e morreu.

As crianças foram alertadas do ocorrido pelos vizinhos e correram para o abrigo. Chegando lá, encontraram Branca caída no chão, como se estivesse dormindo. Então, a levaram para o hospital. Lá, os médicos a deram como morta. Não conformadas, as crianças ficaram a seu lado, vigiando dia e noite.

No dia seguinte, apareceu um novo médico, que resolveu pedir novos exames para a menina. Mas nem foi preciso. No momento do exame, Branca abriu os olhos lentamente e deu um suspiro.

Branca foi se recuperando aos poucos e logo teve alta. Ela continuou a crescer, cada dia mais linda. Um dia, conheceu um bom rapaz e se apaixonou. Casaram e viveram felizes para sempre.

Os três meninos da favela

Evandro Raimundo e Cláudio Lopes Souza

Era uma vez três garotos bem alegres e com uma linda vontade de viver. Seus nomes eram Luizinho, Juninho e Marcinho.

Eles se encontravam todos os dias, depois de suas atividades escolares, para brincarem próximo a um terreno baldio, cheio de árvores frutíferas. Este terreno ficava bem perto de suas casas, em uma favela bem pobrezinha, num certo local da cidade do Rio de Janeiro. Lá, eles tinham todos os tipos de brincadeiras: subiam nas árvores, jogavam bola de gude, soltavam pipas, brincavam de pique esconde e pulavam corda. Aquele lugar para eles era como um parque de diversões, pois o que vale é a imaginação da criança.

Até que um dia, apareceu o dono do terreno, muito autoritário, e foi logo dizendo: “Meninos, não quero brincadeira no meu terreno! Saiam todos daí!”

Os meninos, mais do que de depressa, foram embora. Mas, como não existia por ali outro lugar para brincar, alguns dias depois, lá estavam de volta, no mesmo lugar, no mesmo horário. E assim teve início mais uma tarde de brincadeiras.

Certo dia, a situação ficou bem mais séria. O homem com a voz autoritária passou a fazer ameaças aos meninos, que logo foram contar o ocorrido para seus responsáveis, causando pânico geral na favela. Descobriram que o homem andava com outros homens do mal, dispostos a tudo, até mesmo tirar a vida daquelas crianças inocentes.

Foram dias de terror. Os homens procurando as crianças em suas casas, pelos lugares onde as mesmas costumavam passar...

Felizmente, uma das mães dos meninos teve a brilhante ideia de escondê-los em casas diferentes. Cada um deles ficaria na casa de um parente, até que passasse aquela tormenta.

Cada casa tinha sido construída de uma maneira: uma de compensado, outra de madeira e a última de tijolos. Esta última era bem mais segura. Ajudaria muito em alguns imprevistos da natureza e algo mais.

Mas os homens não paravam de procurar. Andavam para lá e para cá dentro da favela, “tocando o maior terror”. E como diz o ditado dos antigos, “alegria de pobre dura pouco”. Alguém entregou os meninos!

Mas quem faria isso?!? Não havia tempo para descobrir quem era o X9 da favela. Os meninos precisavam de proteção.

Naquela primeira noite, os homens maus vieram num carro blindado em alta velocidade e conseguiram derrubar a casa de compensado onde Juninho se escondia. Este correu junto com seus parentes para a casa de madeira. Lá estava Luizinho que, na mesma hora, acolheu o amigo com toda sua família.

Infelizmente, na mesma noite, os homens voltaram com o carro blindado e destruíram por completo a casa de madeira. Todos saíram desesperados e correndo muito. Conseguiram chegar até a casa de tijolos, onde Marcinho os recebeu com muita alegria por ver que estavam todos bem.

Na segunda noite, os homens, dispostos a tudo, planejavam eliminar todos que estavam ali. Chovia muito e, por isso, não se via muito bem a casa onde estavam os garotos... Melhor para eles!

E lá vieram novamente os homens maus, com o carro em velocidade máxima! Só um milagre salvaria aqueles pobres coitados. Mas, para quem tem fé, Deus existe. Todos deram as mãos e começaram a orar. Até que, numa tentativa desesperada de destruir tudo, o carro dos homens bateu em uma das paredes da casa, fazendo um grande barulho!

Em seguida, veio o silêncio. Todos ficaram calados por alguns minutos, até que resolveram sair pra ver o que tinha acontecido. A cena era horrível! Todos estavam mortos. Não sobrou ninguém para contar a história. Chamaram ambulância, polícia, muita gente se aglomerou para ver os feridos. Mas era tarde demais.

Junto com os outros homens, morreu também o dono do terreno. Como ele não tinha herdeiros, acabou o terreno ficando muito tempo abandonado. E assim as crianças puderam desfrutar daquele lugar sem ter ninguém para ameaçá-las, até chegarem à fase adulta.

Enfim, essa é mais uma história de que Deus é bom para as pessoas do bem. Principalmente para as crianças.

Cinderela na favela

Cleodete de Freitas Bastos, Maura Félix de Oliveira, Maria Nunes de Lima

Era uma vez um charmoso traficante (rei) que queria encontrar uma madrasta (rainha) para sua filha (princesa). Ele vivia preocupado com a rebeldia de sua filha e sentia que uma companhia materna faria bem a ela. Levantando cedo pela manhã, decidiu dar um *rolê* pelos acessos das favelas vizinhas em busca de uma esposa.

Passando com sua moto (cavalo) pelos becos e vielas, todas as mulheres o olhavam, porém nenhuma chamou sua atenção. Entristecido, ao retornar para sua casa (palácio), ele se deparou com uma bela mulher acompanhada de duas meninas. Ele deu meia volta e parou com sua moto. De imediato, sentiu-se apaixonado por ela e logo a chamou para morar com ele. Ela, para sua surpresa, aceitou.

O traficante retornou para sua casa muito feliz, pois havia arrumado não só uma madrasta, mas duas irmãs para sua filha. Mal sabia que estava levando uma cobra e duas víboras para seu lar. Pensando ele ter encontrado a solução para a rebeldia de sua filha, acabou arruinando o futuro dela.

Passado alguns dias, o traficante conversava com seus comparsas a respeito da mulher que havia encontrado. Muito feliz, fazia planos para o seu casamento. Nem imaginava que ela pretendia ficar no lugar dele e assumir seu poder.

Conseguindo um comparsa, a mulher colocou logo seu plano em prática, fuzilando o charmoso e poderoso traficante. Tomando posse do tráfico, transformou a vida de sua enteada num inferno, fazendo dela sua empregada e prisioneira, não permitindo sequer que ela saísse do seu barraco.

Ainda assim, incomodada com a presença da menina, resolveu logo dar um fim nela. Mas o feitiço virou contra a feiticeira. Aquele mesmo comparsa que a ajudara a acabar com a vida de seu marido se comoveu com o sofrimento da menina e resolveu ajudá-la. Teve a ideia de ir à favela vizinha pedir ajuda ao jovem chefe do tráfico de lá. Este, compadecido com a história que ouvia, resolveu ajudar.

Quando chegaram para tomar a boca da mulher, o traficante da favela vizinha se apaixonou à primeira vista pela menina. Casaram-se e foram felizes, dominando o tráfico das duas favelas.

O destino da madrasta e suas filhas foi viver como prisioneiras, servindo ao casal para sempre.

Alice no país sem maravilhas

Jaqueline Santos Costa e Thaís Rodrigues dos Santos Alves

Era uma vez uma mulher que se chamava Alice. Andando perdida pela cidade, ela foi parar em uma comunidade. De repente, viu um rapaz muito branco, bem vestido e resolveu pedir ajuda a ele. Mas ele andava com muita pressa.

Ao ser percebido, esse rapaz se escondeu rapidamente. Alice ficou curiosa e, tentando encontrá-lo, foi parar em um beco estranho, com várias portas, todas trancadas.

Caminhando pelo corredor, Alice vê novamente o rapaz que tanto lhe chamou atenção. Ele então a convida para beber um drink. Ao tomar um gole da bebida, Alice começa a se sentir mal e desmaia.

O rapaz a coloca numa cama. Alice, ao acordar, percebe que foi dopada e se desespera ao olhar da janela. Ela vê um movimento estranho e percebe que ali atua uma quadrilha. Alice resolve, então, chamar um dos rapazes que ali trabalha e pedir ajuda.

O rapaz se aproxima e pergunta: “De onde você é? O que veio fazer aqui na comunidade?”

Alice responde: “Eu estava perdida, quando vi um rapaz e resolvi segui-lo para pedir ajuda”.

Ao saber que Alice estava ali por engano, o chefe da quadrilha resolveu soltá-la. Mas Alice, muito curiosa, resolveu tentar descobrir quem era o rapaz que tinha lhe chamado atenção. Tanto fuçou que descobriu que ele era um bandido.

O bandido, sabendo que agora Alice tinha muita informação sobre ele, disse que manteria a moça como refém até quando desejasse. Mas não iria querer recompensa nenhuma em troca. Mal sabia Alice que ele a desejava ainda mais do que ela a ele.

Já no segundo dia como refém, ele deixou que Alice fizesse uma ligação para tranquilizar sua família. Os dias se passaram, até que Alice tomou coragem de perguntar o nome do rapaz, e ele finalmente se abriu: “Meu nome é Henrique”.

Alice sorriu e retirou-se. Ela pensava em Henrique sem parar e tentava agradá-lo, e ele a ela.

Eles foram se aproximando cada vez mais, e cada vez mais apaixonando um pelo outro. Alice deixou de ser refém de um bandido, e tornou-se refém de seu amor. Mesmo livre para ir embora, ela insistiu em permanecer, pois quem ama nunca parte.

Henrique resolveu então assumir o relacionamento com Alice. Ele se mostrou um homem bom, carinhoso, prestativo e, acima de tudo, a respeitava como merecia e dava valor a seu amor. Depois de 2 anos juntos, se casaram e construíram uma família com casal de filhos e três cachorros.

E foram felizes para sempre!

Alice no país real

Márcia Maria Andrade da Silva e Aline da Costa Laranja

Era uma vez uma moça que se perdeu em uma comunidade e, sem querer, entrou em uma grande cilada.

Seu nome era Alice. Ela veio ao Rio de Janeiro encontrar uma grande amiga. Mas confundiu o caminho e, quando menos percebeu, seu carro estava sendo vigiado por vários homens muito bem armados.

Alice se assustou e não entendeu nada do que estava acontecendo. Os homens perguntaram: “Aonde você vai, moça?”

Ela, muito nervosa, respondeu: “Estou procurando uma amiga”.

Os homens a levaram para um buraco escuro. Mas, dentre estes homens, havia um rapaz diferente, que foi sua salvação. O rapaz percebeu o nervosismo da moça e quis ajudá-la, falando para os outros a deixarem ir.

Naquele momento, Alice ficou tranquila ao perceber que esse rapaz iria salvar sua vida.

O que ficou de lição para ela? Que não devemos dormir de barriga cheia, pois tudo não passou de um grande sonho.

Pocahontas na crackolândia

Susane Pedrosa da Silva, Ivani Coelho de Souza e Stalem Mateus Azevedo

Era uma vez uma jovem princesa aventureira chamada Pocahontas. Ela adorava correr livremente, toda suja e fedendo pela Coréia. Chamava a comunidade de ‘sua casa’. Pocahontas e sua amiga Fernanda passavam muitas horas buscando pedrinhas de crack, deslizando beira rio abaixo. Pocahontas sempre pulava no rio quando estava ‘doidona de pedra’. Em seguida, sempre via o espírito da vovó Willow.

Todas as vezes que ela ia comprar pedra, sempre arrumava problema e entrava na *porrada* com as outras pessoas que também estavam ali querendo a pedra. Pocahontas assistia de longe quando os policiais, com suas roupas estranhas, se aproximavam da favela. Os homens a bordo do caveirão eram colonizadores à procura de pó, maconha, pedra e balinhas. Mas havia um *cana*, chamado Smith, que parecia bom. Então, Pocahontas resolveu o seguir pela favela, até que ele, de repente, a surpreendeu com pedras de crack.

Apesar de saber que deveria tomar cuidado com o polícia, Pokahontas deu uma passo a frente. Conforme os dois se aproximaram, o brilho da Pedra do Amor rodopiou em volta deles. De uma hora pra outra, começaram a entender um a linguagem do outro.

Entretanto, com o tempo e o vício, as tensões foram crescendo entre eles. Até um dia em que ela fumou as pedras dele. Ele, cheio de ódio, “passou fogo” nela. Em seguida, na *nóia* da cocaína, deu um tiro na própria cabeça.

A história de João e Maria

Sueli Oliveira, Eliete Nascimento e Heloiza Angela Alvarenga

Estavam andando João e Maria por uma rua deserta e pouco iluminada. Já estavam há muitas horas cansados e com fome, à procura de um lugar para descansarem seus corpinhos. Foi quando avistaram um prédio abandonado em ruínas e decidiram ir para lá.

Mas, ao entrar no local, se depararam com uma cena triste e chocante. Eram vários meninos e meninas de rua que, assim como João e Maria, não tinham alimento para seu cotidiano, nem mesmo uma família que as pudessem acolher. Alguns deles foram abandonados pelos seus pais, pelo fato de não terem como os manter financeiramente. Porém, outros tinham família, mas foram para a rua buscar uma vida melhor.

João e Maria, ao conversarem com os meninos e meninas, notaram que eles possuíam sonhos, iguais a todas as crianças. Ainda se via a inocência em suas faces, porém lhes faltava uma oportunidade para mudarem de vida.

Foi então que lhes apareceu um rapaz legal, o qual eles nunca tinham visto, que trouxe para as crianças muitas guloseimas.

Os meninos e meninas ficaram muito felizes, pois haveria comida para o ano inteiro. Com isso, alguns deles poderiam voltar para a casa de seus familiares, pois comida não faltaria mais!

Assim, João e Maria ficaram muito contentes por agora terem comida e um lar junto às outras crianças.

Em busca de liberdade

Ana Amorim e Fernanda Pinho

Era uma vez uma menina chamada Jurema, que sonhava em ser princesa. Porém ela tinha que trabalhar muito para sua madrasta e suas 6 filhas, que eram muito ruins com a menina. Jurema era órfã de mãe e seu pai trabalhava muito para sustentar todos em casa.

Um dia, Jurema resolveu sair escondida para ir ao samba, já que tinha trabalhado o dia inteiro. Chegando ao samba, Jurema conheceu sete rapazes lindos que ficaram encantados com ela. Jurema achou todos os sete rapazes simpáticos, mas teve um em especial que chamou sua atenção. O nome dele era Eduardo.

Conversaram muito e se conheceram melhor. Começaram a namorar escondidos da madrasta de Jurema e suas irmãs. Mas a madrasta começou a desconfiar que a menina estava diferente e que toda hora sumia. Então descobriu tudo e pagou uns bandidos da favela para sumirem com Jurema.

A madrasta e os bandidos ficaram de tocaia. Quando Jurema saiu escondida à noite para se encontrar com seu namorado, os bandidos foram atrás dela para matá-la. Porém, Eduardo, que estava indo ao encontro da amada, viu tudo e começou a lutar com um dos bandidos. Jurema, quando viu, ficou assustada e começou a gritar em busca de ajuda. Outro bandido veio e colocou uma arma na cabeça de Jurema.

De repente, apareceu o carro de polícia e deu voz de prisão para os marginais que estavam tentando matar Jurema e seu namorado. Os bandidos foram presos e denunciaram a madrasta como mandante do crime.

A madrasta foi presa e suas filhas foram para rua trabalhar como prostitutas, pois elas não sabiam fazer mais nada na vida. O pai se desculpou por tudo que, sem querer, ele a fez passar.

Jurema então pode se dedicar a terminar sua faculdade e trabalhar. Ela não quis se casar e vive feliz num relacionamento aberto com Eduardo, cada um no seu canto.

